

**EXPEDIENTE**

CORRESPONDENCIA

PARA

Caixa postal, 296

OU PARA A

REDACÇÃO

Estabelecimento graphico MIGNON  
SÃO PAULO

# O AMOR

Semanao Litterario Familiar

NUMERO AVULSO 100 Réis

ATRAZADO 300 Réis

EDITOR

Estabelecimento Graphico

"MIGNON"

SÃO PAULO

ANNO I.

S. PAULO, 17 de Outubro de 1909.

REDACÇÃO; Travessa do Seminario, 12

NUM. 1

**Aviso importante**

Ao encetarmos hoje a publicação do nosso primeiro numero, cabe-nos a agradável tarefa de dizer duas palavras ao leitor que nos honrar com a sua leitura.

O Amor não se destina áquelles que, avidos sempre de escandalos, aguardam, impacientes a occasião de rirem-se maldosamente das desgraças dos outros.

Não entrará nos seus fins occupar-se da vida alheia, nem tão pouco de noticias tristes.

O seu fim será ornar o espirito dos que o lerem, instruído-o por meio de trechos escolhidos dos melhores escriptores, quer do passado, quer do presente.

Nelle encontrarão os nossos leitores e, principalmente, as nossas gentis leitoras, os mais variados assumptos para as deleitarem, enriquecendo, ao mesmo tempo, os seus dotes espirituaes.

Em fim será o Amor um jardim onde o espirito poderá, dissipando o tédio, passear tranquillamente e allegramente.

**INDICE**

A mulher. — Utilidade da historia. — Oh! Si te ameí. Poesia. — As mulheres, (Cont.) — Soneto de Camões. — Leis do beijo. — Curiosidades sobre a belleza. — La beauté, l'esprit et la vertu, M. Scudery. — Historia d'uma cabeça historica, por B. Guimarães. — O Morgado, Folhetim por HOFFMANN. — Suspeitas infundadas. — Soneto de Camões. — Pensamento — Soneto de Camões. — Camões, biografia, por SOTERO do REIS. — Soneto, por JOLÉ BONIFACIO. — O Passaro azul, Folhetim.

**A MULHER**

Muito se tem escripto sobre a mulher, mas não se havia procurado resumir a sua historia. Era preciso percorrer um sem numero de volumes para se poder ter uma ideia da situação que lhe foi creada, tanto nas sociedades antigas, como nas modernas. M.lle Marchef-Girard teve a paciencia de procurar, através dos tempos, os principaes traços dessa condição comparando-os entre si. Seu livro é uma historia completa das transformações que a situação das mulheres soffreu desde á origem das sociedades. O author nelle, com uma vastissima erudição, trata do passado, do presente, e mesmo do futuro das mulheres.

E sabemo quanto interessante é esse assumpto para a maioria das nossas leitoras, que, sem duvida, desconhecem a historia do seu sexo através das eras da humanidade; procuraremos offerecer-lhes a occasião de se instruirem a respeito, traduzindo e publicando, o escripto de M.lle M. Gerard. Começamos no proximo numero, chamando, desde ja, a attenção das nossas gentis leitoras para a historia da mulher.

**UTILIDADE DA HISTORIA**

Rollin, fallando da historia, disse: Quando é bem ensinada, torna-se uma escola de moral para todos os homens; descreve os vícios, desmascara as falsas virtudes, desergana dos erros e dos preconceitos populares; ella dissipa o prestigio encantador das riquezas, e de todo esse bri-

Com effeito, essa doce intimidade, essa terna união das almas, não podia existir, sem uma igualdade de direitos e de poder, assim como no mecanismo imenso do Universo tudo é harmonia, tudo se corresponde, tudo se estende, tudo se une, sem que nenhuma parte pareça ordenar ás outras; também os dois primeiros seres, para os quaes tantas maravilhas parecem creadas, viviam, amavam, gozavam dos bens os mais doces, adoravam juntos o Creator, sem que nenhum dos dois

**Oh! si te ameí!**

Oh! si te ameí! Toda a manhã da vida  
Gastei em sonhos que de ti fallavam;  
Nas estrellas do ceo lia o teu nome,  
Ouvia-te nas brisas que passavam!  
Oh! si te ameí! Do fundo de minha alma  
Immenso, eterno amor te consagrei!  
Era um viver em schismas, do futuro...  
Mulher! oh! si te ameí!

Quando um sorriso os labios te roçava,  
Meu Deus! que entusiasmo que eu sentia!  
Laurea corôa de virente rama  
Inglorio bardo a fronte me cingia.  
A' estrella, as nuvens do occidente  
Em meiga voz teu nome confiei;  
Estrella e nuvem guardam-no em seu seio.  
Mulher! oh! si te ameí!

Oh! si te ameí! As lagrymas vertidas  
Alta route por ti, a atroç tortura  
Do desespero n'alma, e além no tempo  
Uma vida a sumir-se na loucura!  
Nem aragem, nem sol, nem ceo, nem flores,  
Nem a sombra das glorias que sonhei!...  
Semente o escarneo de infiel sorriso!  
Mulher! oh! si te ameí!

F. OCTAVIANO.

lho vão que cega os homens, e demonstra, por mil exemplos, mais persuasivos do que todos os raciocinios, que nada ha maior, nem mais louvavel do que a hora e a probidade.

E é por ter esses enamentos como os mais verdadeiros, que não deixaremos de inserir neste jornal, trechos escolhidos da historia destinados a servirem aos nossos leitores de ensinamento e, ao mesmo tempo, de passatempo agradável.

**AS MULHERES****ADÃO E EVA**

Companheira do homem e sua equal, vivendo por elle e para elle; associada á sua felicidade e aos seus prazeres, ao poder que elle exerce sobre este vasto universo: tal era a sorte da primeira mulher; tal foi o lugar que o Creator lhe designou junto do seu esposo; foram taes as relações numerosas e affectuosas que se estabeleceram entre os dois sexos. Essas relações fizeram de dois um unico ser, permitiram dois pensamentos para terem uma só vontade, ou, algumas vezes, duas vontades para fazerem, mutuamente entre si, um sacrificio, uma troca mutua da qual nascia essa felicidade indizível que os homens nunca puderam pintar, porque Deus só o pôde conceber.

Adão não pôde ter a menor ideia de dominação um sobre o outro. Pode-se, mesmo, admirar a sabedoria profunda dos decretos eternos na justa distribuição dos dons da natureza entre o homem e a mulher. Um tem o poder da força, o outro da graça e da belleza. Enquanto foram innocentes tiveram a mesma faculdade para sentir e gozar a felicidade. No dia em que se tornaram dignos de dó pela sua rebellião, tiveram o mesmo poder para lutar contra a adversidade; um por meio de uma coragem, talvez, mais energica, o outro pelo precioso dom dessa paciencia inalteravel que parecia, antes; dever cançar o infortunio do que a alma que elle quer abater.

Emfim o primeiro crime havia sido commettido; e, segundo as palavras das Escripturas, Deus disse á mulher: «Ereis a companheira do homem, sereis dependente, não somente da vontade de vosso esposo, mas também das suas paixões e dos seus caprichos. Elle exercerá sobre vós a superioridade natural do seu sexo, e uma dominação constante.»

Desde esse momento a sociedade entre o homem e a mulher foi de vantagem para o primeiro.

Um passou a opprimir com altivez; o outro a soffrer com resignação: e do seculo dos patriarchas até os nossos dias, as mulheres não passaram de brilhantes escravas, que, semelhantes ás victimas coroadas de flores, annunciavam, pelas faixas e guirlandas, o sacrificio ao qual eram destinadas por aquelles mesmos que as devem admirar, venerar e defender.

No proximo numero continuaremos

**SONETO**

L. de CAMÕES

De amor escravo, de amor trato e vivo;  
De amor me nasce amar sem ser amado;  
De tudo se descuida o meu cuidado,  
Quanto não seja ser de amor captivo:

De amor que a lugar alto voe altivo,  
E funde a gloria sua em ser ousado;  
Que se veja melhor purificado  
No immenso resplendor de hum raio esquivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança!  
Mais constante ella, e elle mais constante,  
De seu triumpho cada qual só trata.

Nada, emfim, me aproveita; que a esperança,  
Se anima alguma vez a hum triste amante,  
Ao perto vivifica, ao longe mata.

**LEIS DO BEIJO****DO LIVRO DO AMOR**

1. Beijo por violencia é um crime.

2. Beijo por surpresa é um delicto.

3. Beijo por piedade é uma contra-venção.

4. O beijo é um acto essencialmente voluntario e não deve ser dado ou recebido senão por consentimento mutuo.

5. O beijo sobre a mão é um acto de respeito.

6. O beijo na ponta dos dedos, ligeiramente acariciados pelos labios, é um acto de amor.

7. O beijo sobre a espadua, através do vestido, prova am beijo vehemente.

8. A mulher que não estremece ao ser beijada, é indigna de o ser.

9. O homem que ri após ter dado um beijo é um imbecil.

10. Si ri, tendo recebido um beijo, é um miseravel.

11. O beijo sobre os labios deve ser ao mesmo tempo longo, doce e leve.

12. Os esmigalhadores de labios são vândalos. Vale tanto esmagar com os pes a rosa.

13. O beijo no pescoço não passa de um brinquedo.

14. Todo homem deve fazer um estudo especial da geographia do beijo.

15. Toda mulher tem um logar sensível; uma das mais bellas mulheres de Paris desmaiava quando se lhe beijava o cotovello.

16. O verdadeiro beijo deve ser dividido em pedacinhos.

17. A mulher que deu o direito de se lhe pedir um beijo, não tem direito de o recusar.

18. Beijo dado, pacto assignado.

19. Jamais se deve brincar com o beijo.

20. O primeiro beijo é sempre a promessa do segundo.

21. Toda covinha é um ninho de beijos.

22. Beijo indifferente é uma hypocrisia.

23. O beijo entre duas portas só tem sabor quando ás escondidas de uma terceira pessoa.

24. O beijo é a estrella da noite.

25. Morrer de um beijo não é morrer.

26. O verdadeiro beijo é diminuta parcelle dada por conta de uma divida reconhecida.

27. Toda carta á mulher amada deve levar-lhe um beijo.

28. Beijo da noite: dever. — Beijo da manhã: esperanza.

29. Beijos contados, beijos perdidos.

30. Pagar um beijo é dum louco de amor. Vendel-o é infamia.

Ne cherchons point de vain détour  
Pour excuser notre faiblesse;  
Les premiers soupirs de l'amour  
Sont les derniers de la sagesse

Le Brun

**CURIOSIDADES****A BELLEZA**

Na Grecia o homem se tornava divino desde que era bello.

Em Sparta, as mulheres conservavam nos seus quartos as estatuas de Narciso, de Jacyntho, de Castor e Polux, para terem filhos bonitos.

Um dos quatro desejos que Simónide dirigia a seus amigos, em uma das suas canções, era que queria ter uma bella figura

Os habitantes de Egesto, na Sicilia antiga, fizeram erigir um templo a um Crotoniade chamado Philippe, porque elle era o homem mais bello que jamais haviam visto.

Emfim a velhice e a fealdade eram tão odiosas aos Gregos que na Grecia as Parcas eram jovens, as Eumenides bellas e que Minerva, a Deusa da sabedoria, isto é, aquella das divindades a quem era menos permitido ser vaidosa, atirou a sua flauta no Hissus logo que uma nymphe lhe dissera que esse instrumento lhe deformava a physionomia.

**La beauté, l'esprit et la vertu**

La fleur que vous avez vu naître,  
Et qui va bientôt disparaitre,  
C'est la beauté, qu'on vante tant.  
L'une brille quelques journées,  
L'autre dure quelques années,  
Et diminue à chaque instant.

L'esprit dure un peu davantage,  
Mais à la fin il s'affaiblit,  
Et, s'il se forme d'âge en âge,  
Il brille moins, plus il vieillit.

La vertu, seul bien véritable,  
Nous suit au delà du trépas:  
Mais ce bien solide et durable  
Est celui qu'on ne cherche pas.

Mlle. de Scudery.

BERNARDO GUIMARÃES

## Historia d'uma Cabeça historica

### I

Era pelos fins do seculo passado ; em 178...

Nesse tempo, esta capital de Minas, que então com justa razão tinha o nome de *Villa-Rica*, era opulenta e populosa, como bem poucas cidades se podião contar no Brasil.

Os governadores e fidalgos dessa epocha rodávão em ricas carruagens tiradas por possantes mulas por estradas padeiras, onde hoje só rinhão pesados carros puxados a bois.

Havia quasi sempre curros ou touradas, e cavalhadas magnificas; procissões de esplendor e riqueza deslumbrantes; espectaculos theatraes, em que a arte sumptuosamente protegida pelos governadores era cultivada com esmero no gosto da epocha; uma litteratura propria, se bem que um tanto abastardada pela imitação do classismo lusitano, litteratura de que forão dignos representantes nomes até hoje celebres.

Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Claudio Manoel da Costa são glorias, que nunca mais se eclipsarão.

Havia regosijos e festas de toda a especie, muito luxo, commercio interior activo, e o povo nadava na abundancia.

E tudo isso porque?

Por que naquella epocha o ouro por essas montanhas como que brotava á flor da terra.

O ouro era tão abundante, que os proprios pretos captivos, com as *migalhas* que escapavão das lavras de seus senhores, edificavão mais de um templo magnifico, que até hoje ahi estão, e as pretas, quando vão ás suas festas cõstumeiras, polvilhãvao a carapinha com areia de ouro.

Mas em contraposição a tudo isso, o povo gemia debaixo da mais vil, da mais infamante escravidão.

O bem estar material era grande; mas a degradação moral era profunda.

Alli sobre aquelle morro se er-

guiu o vulto sinistro e ameaçador da força, que nunca se desarmava, e em que a um simples aceno da tyrannia, apenas com uma apparente fôrma de processo, se immolava tanto o criminoso, como o innocente.

Acolá, no meio daquella praça publica, — como um templo christão, — como um sarcasmo vivo, — até bem pouco tempo achava alçado o pelourinho, ainda mais infamante, em que o cidadão era azorragado publicamente, como o mais vil escravo.

Os capitães-môres tambem de sua parte castigavão arbitrariamente com açoutes, com o tronco e até com a palmatoria as mais leves faltas de seus governados.

O ouro extrahido das minas pelo braço do povo era na sua maior parte destinado a alimentar o luxo e a cobiça de seus oppressores.

Minas, bem como o Brasil inteiro, era bem como uma vasta fazenda explorada em proveito da metropole.

O povo era uma turma de escravos, que trabalhavão debaixo do azorrague de seus feitores, — os governadores, capitães-môres, guarda-môres etc.

A fazenda prosperava; mas os escravos indocéis começavão a se enfadar de arroteal-a só para beneficio de seus senhores.

### II

E nessa epocha de riqueza e opulencia, de servilismo e de degradação social, no meio da praça principal desta cidade se via uma cabeça humana decedada, cravada sobre um alto poste.

Este poste e esta cabeça erão noite e dia guardados por uma sentinella.

E á noite uma lanterna se accendia para illuminar o lugubre espectáculo.

Havia dous ou tres annos que este sinistro padrão da mais brutal e feroz tyrannia existia alli hasteado.

E por que razão esse cuidado em conservar alli tão guardado, tão vigiado aquelle triste e miserando resto de uma victima ha tanto tempo sacrificada?...

Para que aquella sentinella alli

postada constantemente dia e noite?...

Temão acaso, que aquelle craneo ôco e resequido onde ha tanto tempo se extinguiu a vida e o pensamento, de novo se reanimasse, e reunindo-se ao tronco esquarterado e esparso, dêsse outra vez o signal da revolta ao povo opprimido?...

Ou receavão que esse craneo, hasteado na ponta do estandarte da emancipação, fosse o signal certo da queda dos tyrannos e do triunfo da liberdade, como esse celebre tambor, que os soldados hungaros fizerão da pelle de seu bravo chefe Ziska, morto no campo da batalha, tambor que quando rufava á frente delles, era, seguro prenuncio da victoria?

Pobre Tira-dentes!... ainda que não fosse tão nobre e sancta a causa, por que tê immolaste, a morte affrontosa que soffreste, e a crueldade, direi asquerosa, com que profanarão teus miserandos restos, erão motivos bastantes para abençoarmos tua memoria e execrarmos a de teus algozes.

(Continua)



## Suspeitas infundadas

### I

Era devéras formosa e joven baroneza Luiza Marcenne, e muitas pessoas tinham invejado a sorte do barão, quando seis mezes antes, na aristocratica igreja de Santa Clotilde, elle a conduzira ao altar, como elle e ronderira em meio das rendas de seu alvissimo vestido de noiva.

Antes de se deixar ligar pelos laços do matrimonio, Jorge de Marcenne vivera uma vida folgada e alegre: Os suas aventuras amorosas tinham deixado nome. Fidalgas, semi-mundanias, modestas burguesas ou simples costureiras, as suas victimas pertenciam a todas as classes sociaes; mas embora de condições diferentes, havia um ponto em que todas se pareciam, o possuirem todas o brilho radiante da mocidade e da belleza. Luiza não igno-

rava as passadas loucuras do marido, e apezar d'isso ou talvez mesmo por isso, ainda lhe queria mais. De resto, debaixo de todos os pontos de vista Jorge era um esposo completo. Embora orçã do já pelos quarenta annos, o sr. Marcenne estava admiravelmente conservado. Seria difficil encontrar um cavalheiro mais formoso do que elle, de porte mais elegante, de maneiras mais agradaveis. E como elle era amavel para com ella, como procurava advinhar-lhe os desejos e os pensamentos! Em resumo, Luiza adorava o marido. Porque motivo então se mostrava triste a baroneza? Porque motivo acabava de fechar de repente o piano, e estava pensativa, juncto a uma das grandes janelas da sala, batendo nos vidros com as pontas das unhas muito rosadas, os olhos fitos como que numa visão dolorosa? E' que havia um ponto negro no cen azul, um ponto negro que lhe maculava a felicidade e lhe perturbava a alma quasi virginal.

Logo nas primeiras semanas depois de casada, a baroneza notava que todas as quintas feiras, depois de almoçar, o marido deixava-a sempre, precipitadamente, com um pretexto qualquer, não voltando se não á noite. A principio não ligava maior attenção a estas ausencias. O facto, porém, repetia-se com uma regularidade mathematica. Todas as quintas feiras o marido deixava-a só. Começara a assustar-se e tentara interrograr o barão; obtivera apenas respostas evasivas. Jorge falara em negocios urgentes que tinha a tractar, em conferencias com banqueiros, tabelães, que sei eu! mas razões todas ellas, que cada vez mais augmentavam os receios de Luiza, transformando as suas suspeitas em certeza. Já não duvidava: Jorge enganava-a! Por certo alguma antiga amante com a qual não tivera a coragem de quebrar de todo as relações é á qual consagrava algumas horas de oito em oito dias!

A baroneza queria conhecer aquella mulher que assim lhe roubava a felicidade! Havia de descobri-la por força!

Nada mais facil. O dia seguinte era quinta feira. Bastar-lhe-ia

seguir abilmente o marido... Saberia assim finalmente onde ella ia passar o dia... Acabava de surgir no seu espirito esta ideia, quando o pezado reposteiro que cobria a porta da sala se afastou e appareceu o barão. — Então? perguntou elle ao vêr a mulher de pé, juncto a janella. Então em que estás peusando, minha querida Luiza? A sra. de Marcenne estremeceu como se a tivessem accordado sobresaltadamente. Parecia triste... Tens alguma couza que te afflija? continuou o barão, aproximando-se da mulher e pegando-lhe nas mãos.

— Não tenho nada, assevero-te. Que desgostos podia eu ter? Pois não sou tão feliz? respondeu Luiza com um sorriso ironico que o barão não chegou a notar. — Meu querido anjo! disse elle depondo um beijo na fronte da esposa. Dize-me, peço-t'o, que é que tão pensativamente te tornava?

— Ora, meu amigo... Pensava apenas num pequeno projecto, cuja realisação depende apenas de ti. — De mim?... E' como se eu tivesse realisado. Então de que se tracta?

— Desejava, meu querido Jorge, que me levasses amanhã ao circo Bidet, á festa de Neuilly. — Que idéa! — Ao que me consta, ás 4 horas em ponto, a actriz Lili do theatro das Varietés deve entrar na jaula dos leões. Tenho um desejo immenso de assistir a esse espectáculo, mas, como comprehendes, não posso ir só. Acompanhas-me, sim!

— Minha querida, disse o barão que se tornara de subito, pensativo, disculpe-me... mas amanhã é impossivel... E' porque? perguntou a jovem, olhando fitamente para o marido.

— Porque amanhã, respondeu o barão embarçado, tenho uma conferencia... a que não posso faltar... uma conferencia com o Bernheim... sabes?... o banqueiro...

— Sim... bem sei! E Luiza sahio precipitadamente para occultar as lagrimas que começavam a vester-lhe os olhos. — Oh! meu Deus! exclamou ella ao achar-se á sós no seu quarto, como sou desgraçada! Mas amanhã hei de vêr aquella mulher, custe o que custar... ainda que tenha de morrer!

FOLHETIM

HOFFMANN

## O MORGADO

### I

Em meio de uma charneca solitaria, cujos arecos esteveas contornam as margens do lago de \*\*\*, encontram-se as ruinas do antigo solar de Reinsitten.

Para a direita, a vista adormece sobre as aguas profundas e silenciosas, que os nevoeiros do Norte tornam côr de chumbo. A esquerda parece fugir e perder-se no horizonte longinquo a orla de uma grande floresta de pinheiros, que entrelaçam os braços negros, como um exercito de phantasmas. O céu constantemente sombrio d'aquelle rude clima dá apenas guarida a aves sinistras, e pesa como mortalha sobre os arecos selvagens. Mas d'ali a tres quartos de legua a região transfigura-se: tudo é alegria; surge de repente, com as suas casas brancas e risonhas, do seio dos prados feracissimos, uma aldeia encantadora. No fim da povoação verdeja um bosque de amieiros, não longe do qual apparecem os primeiros fundamentos de um castello, que um dos ultimos senhores de Reinsitten lencionava construir n'aquelle oasis. A morte surpreendeu-o, porém, na execução da obra, e os herdeiros não estiveram para concluir os ducados do legado n'um montão de alvenaria e cantaria.

O Barão Roderich de Rein-

sitten, resignado a quinhoar com as corujas a antiga residencia patrimonial dos seus antepassados, limitou-se a mandar especar as partes mais arruinadas do edificio, para ficar em companhia de um certo numero de creados, tão intrataveis e reservados como seu amo. Levava o dia percorrendo a cavallo os arecos desertos, sem nunca ir para as bandas da aldeia, onde o seu nome servia para metter medo ás creanças rabinas.

No alto do terrão feudal mandou levantar um observatorio, munido de todos os instrumentos astronomicos então conhecidos.

Lá estava fechoado noites inteiras, com um velho mordomo, que no genio extravagante e taciturno era a perfeita copia do amo.

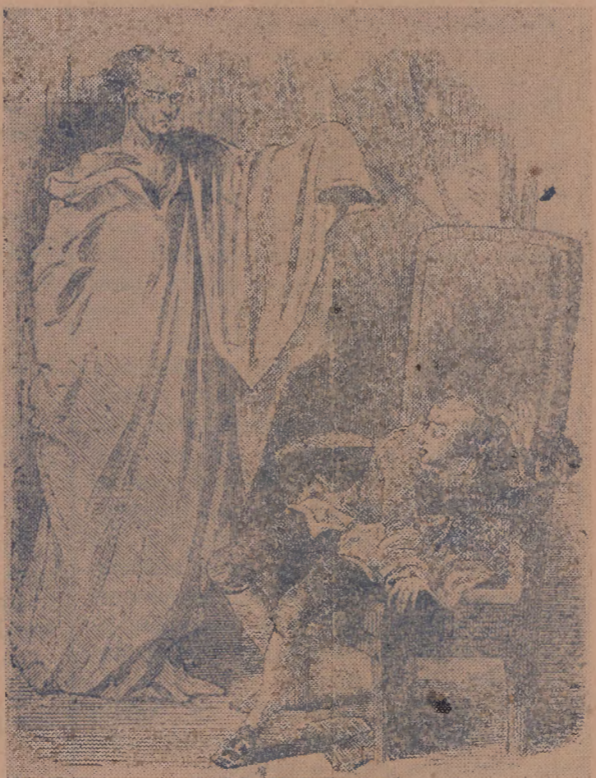
Os camponezes das cercanias, attribuiam-lhe medonhos conhecimentos de magia, e as pessoas principaes da villa diziam baixinho que o barão fora hãido da cõrte, em consequencia de varias descobertas que denunciavam as suas relações com os espiritos infernaes.

Fosse como fosse, Roderich tinha um amor supersticioso ao exotico dominio, e pretendia fazer d'esta propriedade um morgado, a fim de restituir-lhe toda a importancia feudal.

Os parentes, em vez de se juntarem com elle, preferiam viver nas suas terras de Curlandia.

Roderich tinha apenas consigo duas irmãs de seu pae, ás quaes dava hospitalidade. Estas senhoras, ambas muito a-

vançadas em annos, occupavam uma das alas do solar. Um creado doente, exornado do titulo de guarda, habitava n'uma especie de pombal. O mordomo e os mais creados moravam na aldeia visinha. Todos os annos, nos ultimos dias do outono, alguns fidalgos das visinhanças iam visi-



tar Roderich, acompanhados pelas suas matilhas, e durante varias semanas davam-se com grande arruido batidas aos lobos e javalis. O solar tornava-se então uma verdadeira hospedaria, franca a todos os que appareciam.

Acabado o periodo da caça, o barão, immerso novamente

na tristeza, gastava o resto do anno nas locubrações astronomicas ou no trabalho que lhe dava quotidianamente a jurisdicção por elle exercida sobre os camponezes. Era auxiliado, nesta parte das attribuições senhoriaes, por seu segundo tio, o advogado V\*\*\*, em cuja familia se perpetuava, de paes a filhos,

fortalecer-se ha com o ar puro das florestas, escrevendo os autos judiciaes que eu te ditar, e, nas horas vagas, aprenderás a ser verdadeiro caçador.

Fiquei satisfeitissimo com a proposta. Não levaram muito tempo os preparativos que fiz para a jornada, e no dia seguinte, eu e meu tio, mettidos n'uma excellentes berlinda e aconchegados em amplas capas forradas de pelles, rodavamos através dos accidentes pittorescos d'um paiz, que se tornava cada vez mais agreste á medida que caminhavamos para o norte, e pelo meio de espessa neve e de florestas interminaveis. Durante a jornada, meu tio contou-me anecdotas acerca dos habitos de Reinsitten e explicou-me o procedimento que eu devia seguir para me tornar digno do agrado do barão, sem todavia me sujeitara qualquer constrangimento. Tendo conversado sobre todos os assumptos, chegámos aos dominios senhoriaes ao cabo de tres dias de viagem.

Era noite fechada quando a nossa berlinda entrou na aldeia, mas todos os habitantes estavam ainda acordados. Vimos illuminada a casa do mordomo, da qual sahião os sons de animada musica de dança. Ao mesmo tempo a unica haspedaria do lugar estava com todos os fornos accesos. Achámos-nos, dentro em pouco, n'uma estrada cada vez menos trilhada, e que desaparecia, aqui e além, debaixo de uma espessa camada de neve.

O vento norte fazia gemer as aguas do lago e estalar com ruído sinistro, os ramos dos raios

pinheiros. Afinal vimos como que no meio de um mar branco, recortar-se o negro perfil do antigo castello.

Pesava um silencio mortal sobre aquella mansão, e das suas janelas, abertas em séteira, não se escoava a minima claridade.

Assoberbado por estas tristissimas impressões, senti o coração apertar-se-me quando a berlinda apertou sobre a ponte levadiça, deante da grade erizada de pontas de ferro.

— Olá, Franz! bradou meu tio, acorda, levanta-te! Queres que fiquemos regelados no meio da neve?

A primeira resposta foram os ladros roucos de um cão. Depois o reflexo de um archoite agitou as sombras, bulha de chaves ranguu na fechadura e Franz saudou-nos com um «Que está lá!» dicto de muito mau modo.

— Só o proprio diabo em pessoa ou o sr. advogado é capaz de vir aqui, a esta hora e com semelhante tempo.

O bravo porteiro era um homemsinho rachitico, comparavel a um feixe de lenha secca. Vinha mettido n'um casaco de pelles, onde caberiam ás vontades tres individuos da sua estatura. Pareceu consternado ao ver-nos e resmungou:

— Mas como posso eu alojaros decentemente? Os quartos não teem moveis, os vidros das janellas estão todos partidos, e o vento corre de tal maneira por todo esse castello que nem o fogo do inferno bastaria para os aquecer.

— Pois que, maroto! perguntou meu tio, sacudindo a neve que se lhe tinha accumulado sobre...

(Continua)

## II

No dia seguinte a uma hora e vinte cinco minutos, o sr. Marcenne apejava-se de uma carruagem em frente da estação S. Lazaro. Subiu rapidamente os degraus que conduzem ao perystillo e dirigiu-se para o local da venda dos bilhetes para a linha de S. Germano. Depois de comprar um bilhete, entrou para as salas de espera, que atravessou rapidamente. Chegado ao interior da estação, entrou para um compartimento de primeira classe, onde se installou commodamente. Jorge, porém, não notara que uma mulher, toda vestida de preto e com rosto encoberto por um denso véo, se apiara de uma carruagem, alguns segundos depois d'elle, tomara também um bilhete para S. Germano, e entrara por um compartimento contiguo aquelle em que elle se achava. O comboio poz-se em movimento.

Em todas as estações, a mulher de preto, que evidentemente espreitava o vizinho, deitava a cabeça fora da portinhola. Mas o barão não se movia. No Veniset viu-o ella finalmente apear-se da carruagem.

Apressou-se também a descer, e, misturando-se com os viajantes, sahio da estação atraz do sr. de Marcenne que foi seguindo em distancia. O barão, de resto, parecia ter pressa de chegar ao seu destino e nem sequer uma só vez olhou para traz. Tomou por um caminho que o conduzia para as bandas do bosque, e, ao cabo de dez minutos, chegou em frente de uma elegante villa construída a certa distancia das demais habitações.

Quando o barão puxou pela campainha a porta abriu-se quasi immediatamente, e a mulher de preto, que se occultara por traz de uma sobe, pôde ver atraz das grades do portão uma rapariga de cerca de 18 annos, correr ao encontro do sr. de Marcenne e saltar-lhe ao pescoço. — Meu Deus! exclamou a baroneza (pois como se deve ter adivinhado era ella), como é formosa! E como parecem amar-se!... Permaneceu durante perto de um quarto de hora immovel, com os olhos inundados de lagrimas. Finalmente tomou uma resolução. Apressou-se com passo febril e neivoso da porta da villa, e dispunha-se já a puxar pelo cordão da campainha, quando notou que o portão não estava completamente cerrado. Empurrou-o sem fazer ruido e não vendo ninguem no jardim dirigiu-se nos bicos dos pés, para a entrada da casa. Apenas, porém, havia transposto o limiar, parou de repente escutando. — Compreendendo minha querida Bertha, dizia uma voz que ella reconheceu immediatamente ser de seu marido, compreendendo que deves aborrecer-te, um pouco nesta casa de campo, mas é forçoso que ainda aqui te conserves por algum tempo. — Farei tudo o que me ordenar, meu pae, respondeu uma voz joven e fraca. — Acredita, minha querida filha, prosegue o barão, que se assim procedo é unicamente para teu bem. Luiza estava estupefacta. Meu pãe! Minha filha! O que queria aquillo dizer? Baralhavam-se a um tempo no seu espirito mil pensamentos confusos. Decidiu-se finalmente a mostrar-se. Ao vêr a mulher, o barão esteve ao ponto de cahir para traz desamparadamente.

— Senhor, disse Luiza ao marido, tenho que falar-lhe em particular. O barão fez um signal á joven que se retirou immediatamente. — Seguiu-o, prosegue a sra. de Marcenne, e acabou de ouvir as suas ultimas palavras, aquella creança é effectivamente sua filha... ou é sua... — Não acabou, Luiza. E' minha filha!...

Querida que ignorasses este segredo, mas já que o surprehendeste, vou contar-te a historia por completo... De resto é bem curta... — Fales. Estou a ouvi-lo. — Pouco tempo depois da minha chegada a Paris — bem vêr que a muito tempo — travei conhecimento com uma joven costureira, cujo atelier ficava ao pé da casa onde eu morava com meus paes. Não tardou que se tornassem mais intimas as nossas relações, tanto assim que um dia, chorando, annunciou-me que ia ser mãe. Procurei consolal-a, asseverando-lhe que não a abandonaria. E effectivamente installei-a num modesto quarto, onde d'alli a pouco tempo deu á luz uma menina. Um mez depois desaparecia deixando-me só com minha filha. Senti-me cheio de affecto e de compaixão por aquelle enteuzinho, que mandei crear secretamente. E' a menina que acaba de vêr. Desde que sahio do convento vive aqui só com uma velha creada, occulta a todos os olhos, especialmente aos de sua mãe, que julga morta e a quem nunca mais deve tornar

por uma juventude, sabia e temperada que nos preparamos uma velhice feliz.

PLUTARCO

Um pae é sempre pae; este caracter sagrado nada pôde apagar.

CORNEILLE

O coração de uma mãe é a obra prima da natureza.

GRETRY

Onde Amor impera, outro senhor não ha.

GRESSET (Edouard)

Nem sempre o Amor é guia fiel.

COLARDEAN

A ausencia diminue as paixões mediores; ella augmenta as grandes: Como o vento apaga a vela e accende o fogo.

LA ROCHEFOUCAULD

As boas acções trazem a sua recompensa.

SCUDERY (Amor tyrano)

O motivo faz o merito das acções humanas, e o desinteresse faz a sua perfeição.

LA BRUYERE

A fortuna só faz tolos orgulhosos, a adversidade forma os homens.

PESELIER

ples nome de homem, e de poeta, mas a mesma poesia incarnada no homem.

Genio igual a Homero, a Virgilio, a Dante, ou a quantos immortaes engenhos primários na poesia épica antes delle, e não excedido por Tasso, nem por Milton, ou por nenhum dos grandes épicos que lhe succederão, é Camões um daquelles brillantes astros da poesia, que apparecem de longe em longe na duração dos seculos, para guia, e phanal da humanidade no caminho da perfeição artistica. Tanto custa a natureza a produzir o genio, e sobretudo o genio em poesia, ou na forma mais bella, que tomou o pensamento e a linguagem dos homens!

Uma epopeia que resume uma litteratura inteira, como os *Luziadas* de Camões, como a *Illiada* de Homero, como a *Eneida* de Virgilio, como a *Divina Comedia* de Dante, é o maior esforço do espirito humano em materia de artes e sciencias, o producto do engenho, pelo qual o homem mais se assemelha á divindade, a primeira obra prima entre as obras

os contemporaneos chamaram com muita rasão principe dos poetas de Hespanha, deve ser cuidadosamente esmerilhado em proveito das letras, embora isso nos occupe uma serie de preleções successivas, porque em nenhum auctor Portuguez ha mais a aprender, que nelle. Passarei pois a dar-vos noticia da vida do poeta, tendo em vista o excellent e magistral trabalho do Sr. visconde de Jeromenha sobre o mesmo assumpto, sem todavia exceder os limites de uma simples noticia biographica, que dividirei em tres partes: — vida do poeta até a sua partida para a India; — sua vida na Asia com o regresso á patria; — seus ultimos dez annos nesta, onde acabou na mais deploravel miseria.

Nasceu Luiz de Camões em Lisboa no anno de 1524, e falleceu na mesma cidade no anno de 1580, aos 56 annos de idade. Estas épocas, que não se acham bem determinadas pelos seus biographos, o são agora pela infatigavel diligencia do mencionado em consultar registos e documentos.

Foram seus paes Simão Vaz, de Camões e D. Anna de Sá de Macedo, ambos de nobre linhagem, vindo o poeta a descender por seu pae de uma das familias mais illustres e antigas de Galiiza, cujo tronco em Portugal foi Vasco Fernandes ou Vasco Pires de Camões, que se passou para alli em 1370, no reinado d'el-rei D. Fernando, com outros fidalgos galegos.

Tão consideravel personagem era este bisavo do poeta que el rei D. Fernando, quando elle passou a seu serviço, lhe fez mercê das villas de Sardoal, Punhete, Marvão, Villa Nova dos Anços, e das terras e herdades em Extremoz, Aviz e Évora, que forão da infante D. Beatriz, e lhe deu mais a quinta do Judêo em Santarem, e as alcadarias de Porto Alegre e Alemquer, bem como os senhorios do concelho de Gestaço, e do castello de Alcanede.

Teve Camões educação muito esmerada, como se infere de sua cabal instrucção em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, revelada a cada passo nos *Luziadas* e mais poesias suas. Freguentou a universidade de Coimbra, onde alem das linguas mortas e vivas e das humanidades, suppõe-se que estudou theologia, fazendo o seu tirocinio litterario sob a direcção do seu tio D. Bento de Camões, cancelario da mesma universidade, a quem dedicou uma de suas elegias, escripta em verdes annos.

Mui jovem começou logo a poetar do que dão testemunho muitas de suas poesias compostas na universidade, nas quaes descreve o curso das serenas aguas do Mondego, e os graciosos e agradaveis arredores de Coimbra. Ha ainda alli um freixo, a cuja sombra costumava sentar-se, e que se chama o freixo de Camões.

Havendo terminado seus estudos, regressou de Coimbra a Lisboa com designio de seguir a carreira militar, que era a porta que então se abria a um fidalgo pobre, para ganhar honra e posição na sociedade.

Na corte foi muito festejado pelo seu talento, e contou logo por protectores e amigos o duque de Bragança e seu irmão D. Constantino, o duque de Aveiro, o Marquez de Villa Real, o de Cascaes, o Conde de Redondo, e o de Sortelha com quem parece tinha parentesco. D. Manoel de Portugal a quem celebrou como seu Mecenas, o joven D. Antonio de Noronha e outros fidalgos. Esta foi uma

## SONETO

L. DE CAMÕES

E cantarei de amor tão docemente,  
Por uns termos em si tão concertados,  
Que dois mil accidentes namorados  
Faça sentir ao peito que não sente.



Farei que Amor a todos avivente,  
Pintando mil segredos delicados,  
Brandas iras, suspiros magoados,  
Temerosa ousadia, e pena, ausente.



Tambem, Senhora, do desprezo honesto  
De vossa vista branda e rigorosa,  
Contentar-me-hei dizendo a menor parte.



Porém para cantar de vosso gesto  
A composição alta e milagrosa,  
Aqui falta saber, ingenho, e arte.

## SONETO

CAMÕES

Amor he hum fogo que arde sem se ver;  
He ferida que doe e não se sente;  
He um contentamento descontente;  
He dôr que desatina sem doer;



He hum não querer mais que bem querer;  
He solitario andar por entre a gente;  
He hum não contentar-se de contente;  
He cuidar que se ganha em se perder;



He hum estar-se preso por vontade;  
He servir a quem vence o vencedor;  
He hum ter com quem nos mata lealdade.



Mas como causar pôde o seu favor  
Nos mortaes corações conformidade,  
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

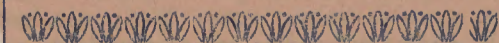
o vêr. — Meu querido Jorge! disse a baroneza quando o sr. de Marcenne terminou a sua narração, desconfiei de ti... Perdôame! E's um homem de bem, um homem de brio e quero também pela minha parte acompanhar-te na tua boa acção. D'ora avante a tua filha sel-o-á também minha. E interrompendo-se subito, a sra. de Marcenne accrescentou, sorrindo: — Hade ter graça!... Vou ter uma filha de 18 annos, eu que tenho 25!... Irá morar para a tua casa, onde a apresentaremos como uma das nossas parentes, orphã... Ficará sempre na nossa companhia. — Querido anjo! disse simplesmente o barão, apertando a esposa nos braços.

Naquella mesma noite Bertha sahio com seu pae e a baroneza da villa do Vesinet.

## III

Desde aquelle dia o sr. Marcenne não tornou mais a sahir ás quintas feiras.

GASTÃO NERIS.



## PENSAMENTOS

A eloquencia age mais sobre o coração do que sobre o espirito; ella governa as contades, inflamma os desejos, domina o homem e o conduz a seu prazer.

CAPELLE

Só uma mocidade san pôde procurar uma doce velhice. Na calma devemos preparar contra o mau tempo: E'

## Luiz de Camões

POR SOTERO DOS REIS

Luiz de Camões, o Homero Portuguez, pertence á segunda parte do seculo XVI, ou ao segundo periodo litterario que me tenho tractado; pois floreceu nos ultimos dias d'el rei D. João III, na regencia da rainha D. Catharina no breve reinado d'el rei D. Sebastião, a quem dedicou os seus *Luziadas*, e no também curto do cardinal D. Henrique.

Foi contemporaneo do doutor Antonio Ferreira, de Sá de Miranda, e ainda de Gil Vicente, á representação de cujos actos certamente assistio pelas relações que tinha no paço, e de Bernardim Ribeiro, a quem muito prezava, e chamava o seu Ennio. Primos, na poesia lyrica e na épica, ou em todos os generos de poesia, em que ensaiou o seu prodigioso e incomparavel engenho; mas os seus *Luziadas*, ou o immortal poema, com que enriqueceo não só a litteratura patria, mas a litteratura moderna depois da restauração das letras na Europa, é o seu maior titulo de gloria, a sua verdadeira coroa de poeta, ou a laurea, que lhe assignala lugar distincto entre os maiores poetas antigos e modernos.

Assim como Cicero era para os Romanos não um nome de homem, ou de orador, mas a mesma eloquencia personalisada, assim Camões é para os Portuguezes e para os Brasileiros, não um sim-

primas dos homens.

Porisso Camões, que não tem rival na poesia épica em Portuguez, e poderá encontrar iguaes, o que é ainda contestavel, não superiores em Tasso e Milton, que lhe succederão, é o maior escriptor Portuguez, e um dos primeiros dos tempos modernos.

Antes delle não havia dialecto poetico em Portuguez; a poesia não se distinguira da prosa senão pelo metro, o que é facil de verificar nos escriptos de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, e Sá de Miranda; pois não mettemos já em linha de conta os rudens ensaios d'el-rei D. Diniz. Camões, a quem Ferreira que lhe é muito inferior como poeta, não pode disputar esta gloria, foi quem creou o dialecto poetico, ou distinguiu a linguagem poetica da prosaica, e fixou a lingua com o seu immortal poema, levando nisto vantagem a Tasso, que quando escreveu a sua *Gerusalem Libertada* já achou o Italiano fixado pelos dois grandes poetas Dante e Ariosto. Assim Camões, que é ao mesmo tempo nosso maior poeta e nosso mais distincto classico, será sempre o mais copioso exemplar do fallar Portuguez, o primeiro objecto de estudo para o philologo e litterato, porque de todos os poetas Portuguezes foi o que mais serviços prestou á lingua, enriquecendo-a, polindo-a, e fixando-a definitivamente. Tudo quanto respeita a este engenho privilegiado, a quem

das épocas mais felizes da vida do poeta, como elle proprio o declara nos seus versos. Era jovem e stimado, estava cheio de desejos e esperanças; a sua musa inspirava-lhe suavissimas canções; tudo lhe sorria, e parecia côr de rosa, no primeiro quartel da vida.

Nos saraos do paço, em que havia certames poeticos dirigidos pelo infante D. Luiz e por D. Manoel de Portugal, e um tribunal de amor, composto das damas da rainha D. Catharina, para julgar do merito das poesias e seus auctores ficou o poeta captivo daquelle amor platonico, que lhe dictou tão maviosos versos, e fez as delicias e o tormento de toda sua vida. Era objecto deste amor, que em tudo se assemelha ao de Petrarca por Laura, D. Catherina de Athayde, dama da rainha, e filha, não do conde de Castanheira, valido d'el rei D. João III, como erradamente affirmão os biographos do poeta, mas de D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manoel, e depois camareiro-mór do duque de Guimarães seu filho. A verificação da paternidade da amante do poeta deve-se, ás diligencias do já citado visconde, assim como a rectificação de outros muitos factos concernentes á sua vida. Por amor desta dama, que celebrou nos seus versos sob o nome de Nateccia, anagramma de Catherina, soffreu o poeta não menos de tres destertos, dos quaes o ultimo para a India foi voluntario, a vêr se alli deparava melhor fortuna que na patria, onde tudo lhe corria mal. O primeiro desterro, effectuado ou por influencia dos parentes da dama assáz poderosos, ou da propria rainha D. Catherina, para evitar as murmurações que davão occasião taes amores, foi um lugar de Ribatejo, que parece haver sido a villa de Punhete, onde o Zezere entra no Tejo, e estreita-se este rio tão soberbo em sua foz. O sitio é aprasivel e ameno; mas, preocupado pela melancolia de se vêr separado do objecto amado, o poeta em uma de suas bellas elegias julga-se nellê desterrado

como Ovidio em Tomes entre barbaros Getas. Tal é o poder da imaginação!

Terminando o prazo de seu desterro, regressou o poeta a Lisboa, logar por elle tão desejado; mas havendo reincidido

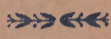
vida do poeta é calculada pelo Snr. visconde de Jeromenha entre os annos de 1546 á 1549.

Bem moço era ainda então, porque teria 22 annos, quando partiu para a Africa. De todos esses destertos nunca deixou o

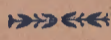
## SONETO

José Bonifacio

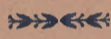
Se te procuro, fujo de avistarte,  
E se te quero, evito mais querer-te,  
Desejo quasi.. quasi aborrece-te  
E se te fujo, estás em toda a parte.



Distante, corro logo a procurar-te  
E perco a voz e fico mudo ao ver-te;  
Se me lembro de ti, tento esquecer-te,  
E se te esqueço cuido mais amar-te.



O pensamento assim partido ao meio,  
E o coração assim tambem partido,  
Chamo-te e fujo, quero-te e receio!



Morto por tí, eu vivo dividido,  
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio,  
E sem saber de mim vivo perdido.

na mesma culpa amorosa, soffreu novo desterro para uma das praças Portuguezas de Africa a qual pelos seus versos se verificava ser Ceuta, onde militou algum tempo. Em uma briga que teve com um corsario, segundo é tradição, o navio em que partiu para essa praça, perdeu um olho; o que lhe desfigurou o rosto, e deo occasião a motejos das damas, que lhe chamavam cara sem olhos, pois até ali era mui gentil homem. Esta época da

poeta de dirigir-se á dama de dos seus pensamentos em apaixonados e bellissimos versos, nos quaes, entre primores poeticos, manifestava a mais terna melancolia por se vêr separado della, e o ardente desejo de vôar aos felizes sitios por ella habitados.

No anno de 1549 foi D. Afonso de Noronha, que se achava em Ceuta, nomeado vice-rei da India, para succeder á D. João de Castro, que nella havia fallecido. Com elle veio o poeta

a Lisboa no intuito de se alistar para a India, como de feito fez em 1550; mas não partio esse anno, sem que se saiba o motivo, e só tres annos depois.

Achando-se o poeta em Lisboa de volta de Africa, aconteceu-lhe uma aventura, que o levou á cadeia, onde jazêo algum tempo em ferros. Foi preso por ter ferido a Gonçalo Borges, creado del-rei, n'uma pendencia que este teve com dois amigos do poeta, que se poz do lado desses, e solto por perdão d'el-Rei em attenção a ser elle mancebo pobre que o ia servir na India naquelle mesmo anno de 1553, em que se verificára a briga. Partiu com effecto o poeta para a India no referido anno de 1553 aos 29 de sua idade, n'uma armada de seis náos cujo capitão-mór era Fernão Cabral, que o levou na náo capitanea, de nome S. Bento, que naufragou depois na volta para o reino; e partiu com o coração amargurado e ralado de saudades, como o attesta o seguinte soneto, em que descreve a sua terna despedida do objecto de seus amores:

Aquella triste e leda madrugada,  
Cheia toda de magua e piedade,  
Em quando houver no mundo saudade  
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada  
Sabia, dando á terra claridade,  
Vio apartar-se de uma outra vontade  
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só vio as lagrimas em fio,  
Que de um e de outros olhos derivadas,  
Juntando-se formáráo largo rio.

Ella ouviu as palavras magoadas,  
Que pudêrão tornar o fogo frio,  
E dar descanso ás almas condemnadas.

Teus olhos são mais escuros  
Do que a noite mais fechada,  
E espezar de tanto escuro...  
Sem elles não vejo nada!

Minha mão case me cedo  
Em quanto sou repariga;  
Que o milho sachado tarde  
Não dá palha nem espiga.

Um eurdador de orphãos:  
— O Senhor é orphão?  
O caipira:  
— Já foi, nhòr sim!

Para rir:

Entre viuvas:

Meu marido morreu de gotta.  
E o meu de uma molestia  
quasi igual — da pinga.



Um agiota a seu caixeiro.

— Apresentaste a conta ao senador XXX?  
— Apresentei, sim senhor.  
— Que disse elle?  
— Disse-me que fosse ao diabo.  
— E que fizeste tu?  
— Eu vim ter com o senhor.



Pergunta um aprendiz de Typographo ao chefe da officina;

— A palavra *pistola* escreve-se com um l só ou com dois?  
— Conforme: Si a pistola fór de um cano se escreve com um l; si fór de dois canos com dois.



N'uma praia de banhos:

Uma senhora entra n'uma loja e pede fatos de banho.  
Mas estão pessimamente cozidos.

O caixeiro graciosamente:  
E' de proposito, minha senhora; qualquer incidente dá geralmente em resultado um casamento.

Acceitamos representantes em todos os logares.

Acceitamos collaboração.

**Estab. Graphico Mignon**  
ESPECIALIDADE EM TRABALHOS  
Artisticos e Commercias  
Travessa do Seminario, 10

FOLHETIM

## O PASSARO AZUL

CONTO

Era uma vez um rei riquissimo em terras e dinheiro; sua esposa morreu, e isso causou-lhe muita tristeza. Elle estava de dia e de noite fechado n'um camarim, e tal era sua dôr, que a desafogava dando cabeçadas nas paredes: todos temião que elle se matasse. Resolvêo pois seus vassallos ir vel-o, e dizer-lhe tudo quanto contribuisse a alliviar-lhe a afflicção. Uns preparáro discursos graves e serios, e outros agradaveis, e mesmo jocosos, mas elles não fazião a minima impressão em seu espirito, apenas el-rei escutava o que lhe dizião. Emfim, certo dia, apresentou-se em sua angusta presença uma mulher coberta com um longo véo de volante preto, uma manta e uma roupa talar tambem preta, chorando e soluçando tão de rijo que o surpredeu. Ella disse, que não forcejava como as mais pessoas, diminuir-lhe a dôr, mas que vinha aumentar-lhe-a, pois nada aliviava mais justo que um marido chorar sua boa consorte. Que, pelo que lhe tocava, como ella possuira o melhor dos esposos, chorar-o hia em quanto tivesse olhos na cara. E dito isto, duplicou gritos e gemidos, e o monarcha tambem verteu copioso pranto.

Elle recebeu esta mulher com

mais affago do que recebera as outras pessoas que o tinham visitado, e especificou-lhe as bellas qualidades da sua querida defuncta. Ella elogiou igualmente as do seu amando defuncto. Ambos conversáro tanto, tanto, que já não sabião o que dizer acerca de sua magoa. Quando a sagaz viuva viu a materia quasi exhausta, ergueu um pouquinho o véo, e o desconsolado monarcha recriou sua vista pondo-a n'essa pobre affligida, a qual volvia e revolvia a proposito dous grandes olhos azues orlados de longas palpebras negras, a tez de seu rosto era alva e fresquissima. El-rei olhou-a attento, fallou menos de sua mulher, e a final nada mais disse a seu respeito. A linda viuva declarou ao soberano que queria chorar sempre seu esposo, mas el-rei respondeu-lhe, que já tinha derramado bastantes legrymas em sua memoria, e que não era justo se finasse de desgosto. Emfim, alguns dias depois d'este colloquio, el-rei esposou-a com grande pasmo de seus subditos, e o lucto mudou-se em verde e em côr de rosa. Basta-nos algumas vezes conhecer o fraco de certas pessoas para lhe captivarmos o coração, e manejal-as á vontade. El-rei só tivera uma filha de seu primeiro consorcio, a qual era olhada como a oitava maravilha do mundo. Chamava-se Florinda, em razão de ser joven e formosa como a deusa Flora. Ella trajava raramente vestidos magníficos, preferia-lhes os de tafetá, com alguns alamares de pedra-

ria, e muitas grinaldas de flores que produzião admiravel effecto collocadas em seus lindos cabellos. Essa princeza só contava quinze annos quando seu pae tornou a casar.

Mandou a nova rainha buscar sua filha, a qual fora creada em casa de sua madrinha a fada Arminda, mas esta, nem por isso, era mais graciosa ou mais bonita. Arminda empregara n'ella todo o seu desvelo, porém inutilmente, e não obstante amava-a em extremo; tinha nome Trutona, porque seu rosto estava salpicado de sardas como uma truta. Seus negros cabellos erão tão pegajosos que ninguem podia tocá-os e sua amarella pelle destillava oleo. Sua mãe amava-a estremecidamente, e só fallava de sua querida Trutona, e como Florinda a excedia em dotes pessoasas, a rainha desconsolava-se d'isso, e procurava pol-a mal com el-rei. Era raro o dia em que a rainha e Trutona não armassem alguma peça a Florinda; esta porém que era branda e judiciosa, não fazia caso algum de tão mau proceder.

El-rei disse um dia á rainha que Florinda e Trutona já tinham sufficiente idade para casar, e que convinha, assim que algum principe viesse á corte, dar-lhe uma d'ellas por esposa. «Eu quero que minha filha case primeiro, replicou-lhe a rainha, e isso em razão de ter mais annos que Florinda; e como ella tambem a excede em amabilidade, deve ser preferida.» El-rei que não gostava

de disputas, respondeu-lhe que fizesse o que bem intedesse.

D'ahi a pouco tempo correu o boato de que el-rei Attractivo chegaria brevemente. Nunca principe algum se mostrou tão galante e magnifico. Seu bom siso e sua pessoa em nada desdizião de seu nome. Assim que tal nova chegou aos ouvidos da rainha, esta senhora empregou os mais peritas costureiras em bordarem e fazerem vestidos para Trutona. A mesma rainha pediu a seu angusto esposo que não mandasse fazer nenhum atavio novo para Florinda, e sobornando as criadas d'esta joven princeza, ellas escondêrão-lhe todas as roupas, todos os toucados e diamantes no mesmo dia que Attractivo chegou, de sorte que quando ella quiz vestir-se nem uma só fita achou. Ella bem conheceu a mão que lhe vibrara esse golpe; mas dissimulou. Querendo porém vestir-se com decencia, mandou comprar por um criado alguns estofos; mas os mercadores disserão ao dito criado, que a rainha lhes prohibira vender fazenda alguma á princeza Florinda. Esta limitou-se pois a cobrir-se com uma pequena roupa muito suja, o que a envergonhou tanto, que se retirou a um canto da sala, quando chegou el-rei Attractivo.

Recebeu-o a rainha com grandes cerimoniaes, e apresentou-lhe sua filha mais brilhante que o sol; porém mais feia com todos os seus adornos que sem elles. Attractivo desviou d'ella os olhos, mas a rainha julgou que Trutona

agradara a esse mancebo, e que temendo elle ficar logo preso em seus laços, a evitava; porém a mesma rainha punha lh'a sempre diante. Attractivo perguntou então se não havia no paço outra princeza chamada Florinda. «Sim ha, respondeu-lhe Trutona apontando-a: e aquella mondongueira que se coze co-a parede.» Florinda ao ouvir taes palavras corrou, e fez-se tão bonita, tão bonita, que el-rei Attractivo ficou como absorto. Volvendo porém a si, ergue-se apressado, faz uma profunda reverencia á joven princeza, e diz-lhe: «V. A. não carece d'estranhos atavios para lhe relevarem a formosura. — Eu, senhor, respondeu-lhe Florinda, não estou costumada a pôr tão sordido trajo, e V. M. dar-me hia summo gosto se não reparasse em mim. — Uma senhora tão linda como he V. A., logo dá nos olhos a todos! exclamou Attractivo. — Ah! disse então a colerica rainha, essas fallas comecão a impacientar-me: saiba V. M. que Florinda e assáz namoradaira, e não precisa que lhe digão tantos galanteios.» El-rei Attractivo logo adivinhou o motivo que impellia a rainha a soltar vozes taes; mas como sua indole era destituida de constrangimento, continuou a admirar Florinda, e conversou com ella tres horas inteiras.

Despeitosa a rainha por sua filha Trutona não agradecer a el-rei Attractivo, obteve de seu angusto esposo uma ordem para que Florinda fosse encerrada n'uma

torre, e isso afim d'evitar que o mesmo rei Attractivo a conversasse. Com effecto, assim que ella voltou á sua camara, quatro homens mascarados transportáro-na ao alto da dita torre, onde a deixarão entregue á sua angustia. Ella bem conheceu que esta prisão era para lhe impedirem fallar a el-rei Attractivo, o qual muito lhe aprazia, e de quem ella desejava ser esposa.

Como elle ignorava a violencia que tinham feito á princeza, aguardava impacientemente a hora de fallar-lhe, porém como a não viu todo esse dia, perguntou por ella a alguns cortezãos, mas elles em vez de lhe satisfazerem o desejo, só lhe disserão por ordem da rainha todo o mal possível de Florinda, o que desagradou summamente a el-rei Attractivo.

Entretanto esta pobre princeza jazia deitada sobre as lages d'essa terrível torre, derramando copiosas lagrymas. «Eu não sentira tanta dôr, dizia ella, se aqui me fechassem antes de ver o amavel rei Attractivo, sua presença aumenta-me agora a afflicção. Bem sei que para privar-me do gosto de fallar-lhe é que a rainha me trata tão cruelmente. Ail quanto a tenue belleza com que o ceo me ornou será fatal a meu reposo!» Eis como Elorinda passou essa triste noite.

(Continua)

O proximo numero sahirá sabbado, 23 do corrente.